

The background is a solid yellow color with scattered white line-art illustrations. These include caricatures of a man with a mustache and glasses, a woman with a large afro, a man in a military-style cap, a person in a dynamic pose, and various objects like matchboxes and pens. The central text is contained within a white rounded rectangle.

Humor gráfico na **Bahia**

Humor gráfico na Bahia

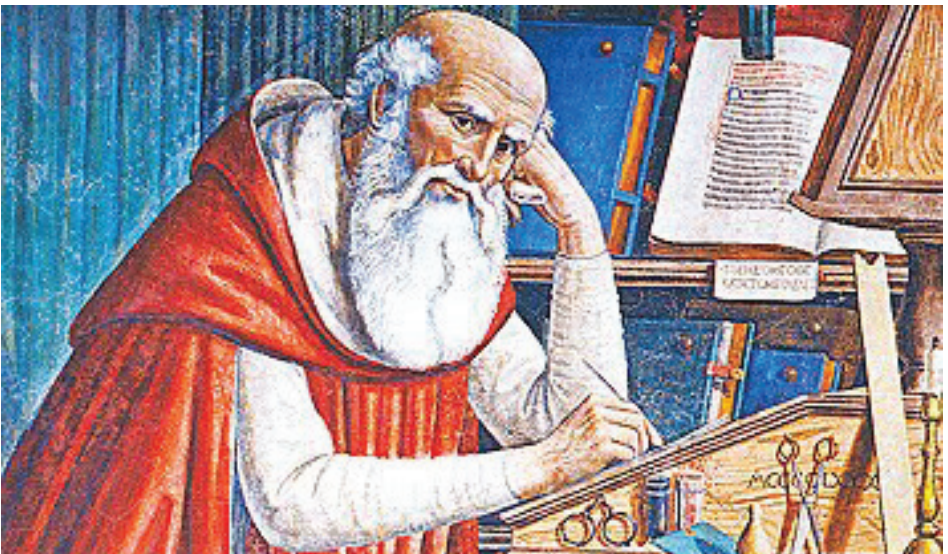
Gutemberg Cruz

Reprimida em determinados momentos políticos, indesejada como elementos de sátira, a caricatura, o desenho de humor surgido com a chegada da Família Real, já revelava grandes artistas. O humor gráfico sempre teve força na vida baiana, ao dar as mais variadas interpretações à nossa realidade. Desde que a imprensa foi instalada no Brasil, a caricatura, que antes era divulgada em pranchas (semelhantes aos atuais posters), constituiu-se num elemento importante nas disputas sociais e políticas.

A importância do desenho humorístico na imprensa, seja como documento histórico, como fonte de informação social e política, como fenômeno estético e como forma de expressão artística e literária, é inegável. O humor gráfico exige de seu criador um mínimo de destreza de traço e um mínimo de julgamento estético. Exige muita síntese, tanto de traços, por causa do impacto visual que deve provocar, quanto de significado, que tem que ser necessariamente claro para que a mensagem passe a todos os leitores.

Os caricaturistas e chargistas são responsáveis pelas entrelinhas da história oficial impressa, traçadas no dia a dia com a atualidade de um editorial e a potência de uma bomba. Uma parte importante do pensamento brasileiro está no traço desses humoristas. Afinal, a caricatura, a charge, o desenho de humor, mesmo sendo uma área frequentemente esquecida, são sempre um indício seguro do pensamento e cultura de uma época. O desenho de humor é uma parte narrativa e descritiva da arte do nosso tempo. Ele é necessário para a crítica social, para fixar os novos hábitos e costumes e para demonstrar com vigor mais imediato as novas idéias.

Antes de aparecer graficamente, a caricatura brasileira já se apresentava verbalmente com o baiano frei Vicente do Salvador (1564), que satirizava a máquina burocrática que entravava a administração do país desde o início da colonização. Gregório de Mattos Guerra, o Boca do Inferno, também ironizou verbalmente a nobreza contemporânea. Lulu Parola foi outro importante crítico de nossa sociedade.

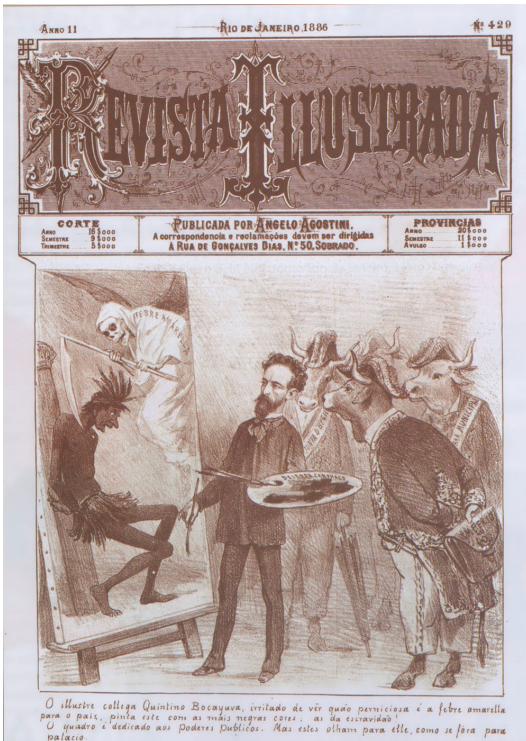


A arte secular de se formar fisionomias, exagerar características e desmascarar a hipocrisia chegou ao Brasil em dezembro de 1837, pelas mãos de Manuel de Araújo Porto Alegre,

em pranchas avulsas criticando um político carioca. O termo caricatura vem do século XVI e foi usado pela primeira vez para definir uma série de desenhos dos irmãos Caraci, de Bolonha. Num sentido restrito, significa a representação da fisionomia humana com características grotescas ou cômicas.

A charge, de natureza sempre política, diz respeito ao assunto em destaque no noticiário cotidiano. Pode – ou não – utilizar-se da caricatura pessoal. Em comum, elas têm as origens de seus nomes: charge, do francês, quer dizer carga. Caricare, verbo italiano, é traduzido como fazer carga. O desenvolvimento da tecnologia gráfica e da linguagem jornalística permitiu que ambos alcançassem o status de obras de arte, dignas de figurar em exposições internacionais bastante concorridas.

Ao longo da História, sob os regimes mais obscurantistas, o crítico do lápis sempre esteve presente. A Ângelo Agostini e seus colegas coube o mérito de registrar, sob a ópticas do humor, o período mais tumultuado da monarquia. A charge política, introduzida na imprensa brasileira desde



Transcrição:

O ilustre colega Quintino Bocayuva, irritado de ver quão pernicioso é a febre amarela para o país, pinta este com as mais negras cores: as da escravidão!

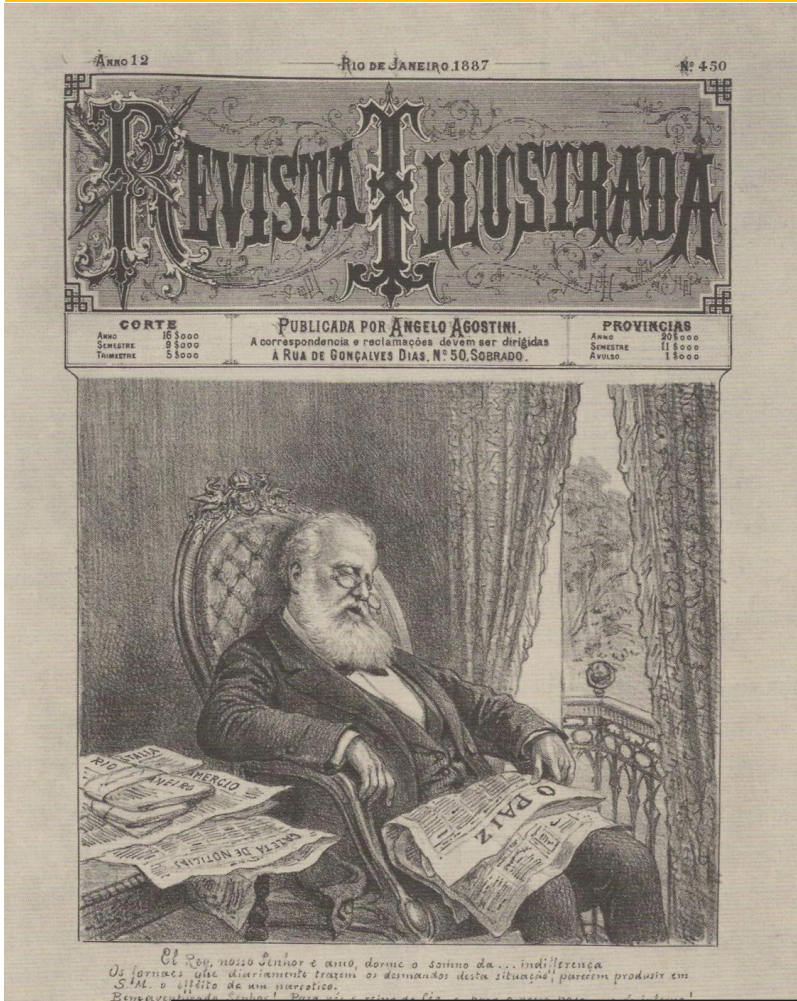
O quadro é dedicado aos poderes públicos. Mas estes olham para ele, como se fora para palácio.



Revista Ilustrada, Rio de Janeiro 1886, Anno 11, n° 429.

o século XIX com Agostini, tornou-se uma tradição, por vezes interrompida por bloqueios políticos. Processado diversas vezes por políticos que se sentiam caluniados, difamados e injuriados, o desenhista tinha muitos fãs entre suas “vítimas”.

Revista Ilustrada, publicada por Angelo Agostini, Anno 12, Rio de Janeiro, 1887, n° 450.



Transcrição:

*El Rey, nosso Senhor e amo, dorme o sonho da... indiferença
Os jornais que diariamente trazem os desmandos desta situação?
Parecem produzir em S. M o efeito de um narcótico.
Bem aventurado Senhor! Para vós o reino do Cio e para o nosso povo...
o do inferno.*

A censura prévia chegava com o Estado Novo de Getúlio Vargas. Depois o golpe de 1964, o AI-5, o “ame-o ou deixe-o”, o milagre e a abertura lenta, segura e gradual soaram como verdadeiros exercícios de criatividade (ou sobrevivência). A censura estava mais esperta que nunca. Os chargistas aprenderam a ser mais sutis. Quando os grandes jornais eram impedidos de dizer o que queriam, o humorista não se calava, passava a informação nas entrelinhas. Era o momento das metáforas visuais.



Em uma de suas charges mais famosas, Ziraldo (MG) mostra sua versão para o lema “Brasil, ame-o ou deixe-o”. O slogan do Regime Militar marcou o governo do General Emílio Médici.

Por esses e outros fatos, a nova geração de humor no Brasil aprimorou a consciência da função do seu trabalho. “O papel do humorista é fazer o povo olhar para si mesmo” (Macksen Luiz). Talvez este seja apenas um dos reflexos do trabalho do humorista. Eles estão cientes de que o riso é a salvação do mundo, e que a desmistificação da verdade escondida é a garantia de vida para o humor com a conseqüente ampliação do seu consumo.

Nos jornais humorísticos do século XIX, quase sempre em formato tablóides, eram contadas histórias através de desenhos, impressos apenas num dos lados e geralmente numeradas – o que era útil para o caso de ser uma série e vital para o colecionador. Os desenhistas H.Odilon, J.Cardoso, Gavarni e Fortunato Soares dos Santos eram os mais destacados. No período de 1880 a 1900, a Bahia publicava mais de 50 periódicos humorísticos de pequeno formato e curta duração. Entre eles estão O Faisca, O Satanaz, A Troça, O Neto do Diabo, O Papagaio, Foia dos Rocêro e D. Ratão.

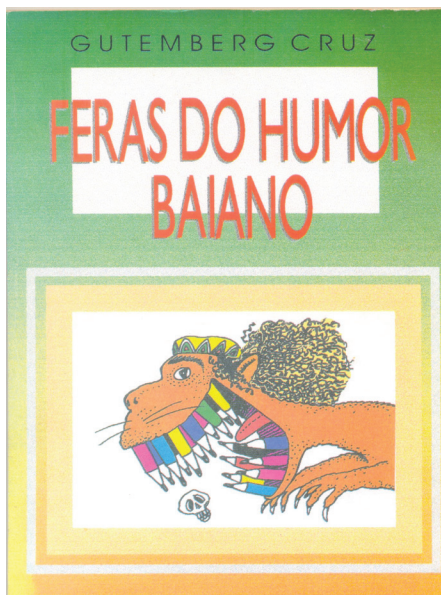
Nomes como Manoel Paraguassu, K-Lunga, Nicolay Tischenko, Sinésio Alves, Fernando Diniz e muitos outros fixaram em seus traços usos e costumes sociais e políticos. Ao longo da história, o crítico do lápis sempre esteve presente. Assim, pode-se conhecer a história de qualquer país através do desenho de humor, da caricatura, da charge. Impiedosos ou amenos, os cartunistas com três ou quatro riscos numa folha em branco são capazes de retratar toda uma época.

Humor gráfico na Bahia (2)

Gutemberg Cruz

Pouco se escreveu a respeito das obras gráficas baianas. Com exceção de esparsos ensaios na imprensa, quase sempre insuficientes, nada lemos sobre o nosso grafismo.

Apenas dois livros que publiquei nos anos 90 traçam um pouco da trajetória: O Traço dos Mestres e Feras do Humor Baiano. A pouca importância da obra gráfica vem do preconceito que muitos estudiosos de arte alimentam pelo desenho e pela gravura, pois esses estudiosos só admitem obras de parede, em vistosas molduras a óleo. As obras gráficas, muitas delas de autênticos valores sociais e culturais, ficam no esquecimento total.



O que muitos não sabem é que a maioria dos grandes nomes da pintura realizou-se primeiro no desenho, na gravura. Relegar a obra gráfica desses artistas a um segundo plano é desconhecer por completo os caminhos percorridos, muitas vezes com maior acerto e determinação do que na obra pictórica. O mestre Raimundo Aguiar, ou K-Lunga, foi um exemplo. Até hoje somente a sua pintura foi considerada. Sua obra gráfica, de interesse ilimitado, permanece em um segundo plano, cercado por um silêncio constrangedor. O mesmo podemos dizer dos trabalhos de Nicolay Tischenko, Sinézio Alves, Fernando Diniz, Álvaro de Barros entre outros. Há nos desenhos desses humoristas uma preocupação em retratar o homem no seu cotidiano, sua vida social.

Para os leitores mais novos, é bom lembrar que no dia 25 de setembro de 1968, a Bahia começou a participar do movimento de estudo das histórias em quadrinhos com a fundação do Clube da Editora Juvenil, assim denominado em homenagem aos primeiros gibis juvenis. Junto com alguns jovens, resolvemos difundir o hábito de ler e analisar os quadrinhos no Brasil. Lançamos nossas pesquisas no fanzine Na Era dos Quadrinhos. Foram publicados

37 números: de julho de 1970 a julho de 1973, na sua primeira fase em mimeógrafo. Outra atividade do Clube era realizar exposições, palestras, seminários e debates nas escolas e bibliotecas.

Foi com o Na Era que surgiram as primeiras manifestações conscientes no sentido de se construir HQ autenticamente nacional - e popular. O quadrinho baiano tomou fôlego com o surgimento do tablóide A Coisa, do jornal Tribuna da Bahia. A Coisa foi um seguimento natural do Na Era e tinha como meta



principal “uma maior valorização do autor brasileiro e em particular baiano”. “Pretendemos também – dizia o editorial -, divulgar e abrir novas perspectivas aos humoristas e desenhistas que ainda não tiveram oportunidade de publicar seus trabalhos”. Em pouco tempo o suplemento revelou novos cartunistas e desenhistas de quadrinhos.

Suplemento da Tribuna da Bahia, ano 1, nº 6, Salvador, 12 de setembro de 1975.

SUPLEMENTO DA TRIBUNA DA BAHIA ANO 1 Nº 6 SALVADOR 12/9/75

semanal

a coisa

Não pode ser vendido separadamente

NÃO PODE MESMO...

**ATENDENDO A INSISTENTES PEDIDOS
RESOLVEMOS MOSTRAR A LINHA DO JORNAL...**

... AO TEMPO EM QUE APROVEITAMOS PARA DEFINIR A ZAGA, O MEI' DE CAMPO, O GOLEIRO, O GANDULA, O VESTIÁRIO, O DOPING, A GERAL, A ARQUIBANCADA, O PESSOAL DO XARÉU, AS GADEIRAS, O JUIZ, A MÃE (DO JUIZ), O CRAMADO, A META, O JOGO PERIGOSO, O PLACAR, O PÊNalti, A DISTENSÃO (MUSCULAR)... ENFIM, A ZORRA TODA E ETC E TAL... AH, SIM! A RENDA!!!...

NILLA →
EXPULSA ANTES
DO JOGO POR
ATENTADO AO PU
DOR....

CIPLAN

**CONSTRUIR ALEGRIA
TAMBÉM É IMPORTANTE**

Transcrição:

Atendendo a insistentes pedidos resolvermos mostrar a linha do jornal...
... ao tempo em que aproveitamos para definir a zaga, o mei de campo, o goleiro, o gandula, o vestiário, o doping, a geral, a arquibancada, o pessoal do xaréu, as gadeiras, o juiz, a mãe (do juiz), o cramado, a meta, o jogo perigoso, o placar, o pênalti, a distensão (muscular)... enfim, a zorra toda e etc e tal... Ah, sim! A renda!!!...

Nilla - Expulsa antes do jogo por atentado ao pudor...

O suplemento da Tribuna, aberto para os novos desenhistas, aproveitou uma percentagem expressiva, com experiência que abriu novas possibilidades para a pesquisa temática ao nível gráfico. Seu lançamento serviu para aproveitar vários desenhistas que antes apenas trabalhavam em outros setores. Jorge Silva, Carlos Ferraz, Romilson Lopes e Péricles Calafange foram as revelações em termos de quadrinhos. Lessa e Aps (Anildson Pereira dos Santos) tinham base cartunística e colocaram de maneira implícita a relação quadrinho/cartum.

Jorge Silva de Oliveira, vindo da publicidade e interessado pela figuração narrativa desde pequeno, investe no mais puro domínio do experimentalismo. Estruturalmente mais dinâmico (pelo que representam as imagens e a colocação dos planos numa página) o desenho de Silva nos parece mais inventivo, grandioso, em alguns momentos voltando ao clássico de uma maneira nova. O “travelling”, o contracampo cinematográfico e os cortes conduz psicologicamente o leitor para o desfecho, numa alta temperatura gráfico visual.

Enquanto Silva trabalha com uma surpresa formal, Carlos Ferraz reforça de maneira considerável o enriquecimento de certas cenas. Em termos narrativos e/ou criativos há uma rara beleza no interior dos planos quer seja na sua obra sobre a diluição da Terra, do garoto de surf ou do futuro. Tanto Silva como Ferraz trouxeram uma grande inovação formal. Antes a maioria dos desenhistas contentava-se em desenhar as cenas de frente. Silva e Ferraz introduziram o uso de tomadas de campo e contracampo, estudando o enquadramento, o que fez surgir a elaboração de um estilo narrativo mais denso. Péricles Calafange seguiu o caminho aberto pelos dois acima citados, mas com um sentido bastante apurado na visualização dos planos.

Surgiu em agosto de 1975, enfrentando diversos problemas com a censura e, por motivos internos do jornal, A Coisa foi reduzida a uma página até sumir, em março de 1976. Saíram 32 números, com muito humor, quadrinhos e informações. Durou oito meses, tempo suficiente para a reunião dos cartunistas e discussão de novas idéias e projetos. Em junho surgiu o nanico Coisa Nostra, com texto, cartuns e quadrinhos. “O importante - diziam os editores

- é que o riso não fique na boca. Ele tem de dar uma chegadoinha na consciência”. Coisa Nostra durou apenas quatro números.

Em 1977, relançamos o Na Era dos Quadrinhos, desta vez impresso em off set, mas que só durou cinco números. Lutar pela colocação do quadrinho baiano no mercado, desenvolver a criação de historietas em Salvador e fazer uma avaliação das HQs feitas até aquela época foram objetivos do periódico, que serviu de estímulo aos criadores, visando o desenvolvimento da consciência quadrinhográfica.



O Clube de Quadrinhos, depois com o nome de Centro de Pesquisa de Comunicação, preparando estudos sobre quadrinhos, sua linguagem e importância, influenciou bastante a imprensa baiana a ponto de levar o tradicional jornal A Tarde, que antes só publicava estórias estrangeiras, a abrir suas páginas aos nossos quadrinhos. E, não só A Tarde, mas a Tribuna da Bahia, Jornal da Bahia, Jornal de Salvador e O Mensageiro. Todos eles começaram a se interessar um pouco mais pelos nossos quadrinhos. Além disso,

fazíamos palestras, debates nas escolas e bibliotecas sobre o assunto para que as pessoas pudessem apreender mais o sentido visual, a força da imagem nos meios de comunicação de massa. Era preciso saber ler os quadrinhos, sua linguagem específica e a sua importância no mundo.

Humor gráfico na Bahia (3)

Gutemberg Cruz

Nildão, Lage, Setúbal, só para lembrar esse trio, traçavam as linhas de quadrinhos e humor no suplemento semanal de um jornal diário da década de 1970 no Brasil: A Coisa. Além deles, participavam regularmente com palpites e algumas contribuições, Antonio Cedraz, já com espaço regional garantido pelo seu Joinha; Dilson Midlej e as primeiras tiras da Nikita, Sebastian Seriol (Sebas) e a série sobre um vendedor de picolé conhecido como Juá, Os Bixim, de Nildão questionando a natureza.



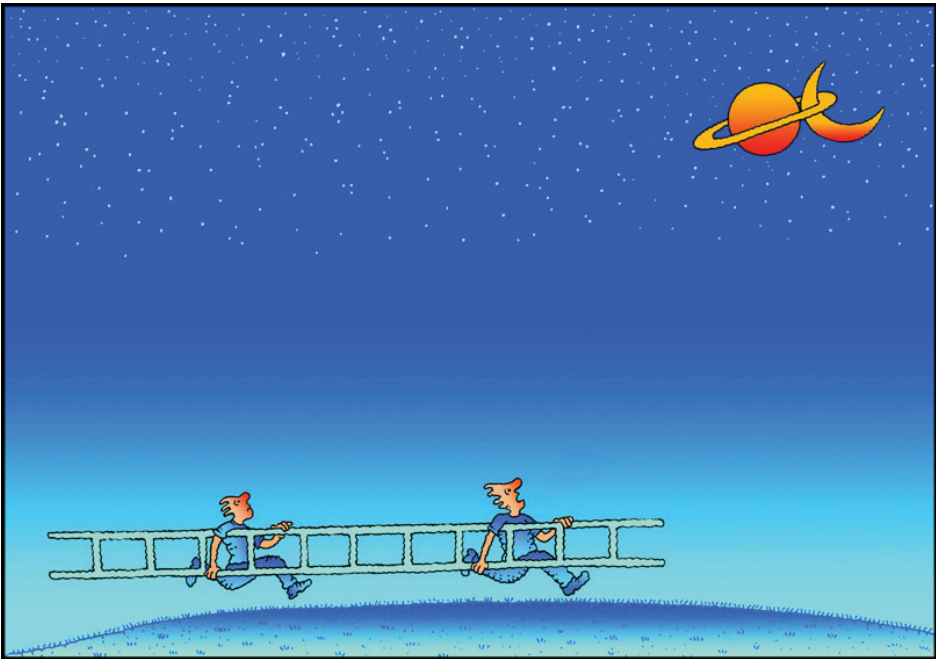
Lage, Nildão e Setúbal, caricatura de Setúbal para o livro "Feras do Humor Baiano (Lage, Nildão e Setúbal), de Gutemberg Cruz. Empresa Gráfica da Bahia, Salvador, 1997.

Os problemas de um homem de meia idade, classe média, diante da realidade – trabalho exaustivo em relação a baixa remuneração eram assuntos tratados na série Argemiro, de Setúbal, e o malandro Bacuri, de Carlos França, a garota Bartira de Péricles Calafange, a vida de um casal nos alagados, Nego & Nega, de Romilson Lopes. Tem ainda o grafismo de Cleber Barros, Helson Ramos, o poema processo de Almandrade, e o experimentalismo gráfico de Carlos Ferraz, Jorge Lessa e Jorge Silva num delírio visual nunca visto até hoje na região, as pinturas influenciadas pelos quadrinhos de Juarez Paraíso, Floriano Teixeira, Carybé, Chico Liberato entre outros. Até Castro Alves já rabiscava caricatura, o cineasta Glauber Rocha também.

Na Bahia, os quadrinhos procuram novos caminhos, tomados em sua mais ampla significação estética e social. E, como nas demais manifestações artísticas, cruzam-se várias correntes e direções, das mais tradicionais às mais experimentais. Ocorre com o quadrinho feito na Bahia o mesmo espírito de reforma que vem atingindo outra arte. As linhas que se marcam pelo experimentalismo – quadrinhos que exploram a potencialidade visual dos temas – desdobram-se em várias matrizes, desde a pesquisa puramente gráfica (Aps, Calafange) à visão de página como um todo articulado (Jorge Silva, Carlos Ferraz), desde os modelos que se inspiram nos cartuns (Lage, Nildão, Lessa e Setúbal), do poema processo (Almandrade), desenho-animado (Chico Liberato) até o realismo fantástico (Juarez Paraíso, Edsoleda Santos).



Nildão, um dos mais atuantes, passou a ser reconhecido nacionalmente pelos trabalhos. Um de seus desenhos marcantes na época foi o de um cangaceiro que urinava pó na caatinga. Desenho de traço nítido, econômico, o cartunista Nildão, em vez de fazer rir às custas da pessoa retratada, o homem que aparece em seus desenhos é anônimo. E o espectador se identifica com ele. Ele não ri mais às custas de um outro, mas às suas próprias custas. Porque hoje os desenhos de humor são um espelho. Suas ótimas idéias colocaram seu trabalho em um patamar sempre elevado. De grafiteiro, cartunista, hoje é designer gráfico. O humor é o equilíbrio, uma questão de saúde, se você sofre do fígado não consegue rir.



Em vez de desenhar os que estavam no poder, Nildão preferia os que estavam embaixo, os que estavam sofrendo ação. Em vez de abrir as portas e ver os poderosos e saber dos fatos dali dos bastidores, ele está embaixo, ouvindo eco das pessoas. Nos anos 80, Nildão publicou *Me Segura qu'eu Vou dar um Traço*, um marco na história do humor baiano. Oito anos depois veio *Bahia: Odara ou Desce*. Em 1989, o livro de grafites *Quem não Risca não Petisca*,

depois Ivo Viu o Óbvio, É Duro ser Estátua, entre outros.

Lage tem traço simples e consegue captar todo o momento histórico político vivenciado. Tudo Bem, Ânasia de Amar e outras tiras trazem um humor sem retoques, autêntico, mordaz. O humor caligráfico de Lage tem uma marca pessoal muito forte e traz, por inteiro a perplexidade nossa de cada dia. Traço rápido, leve, ágil, sinuoso, carregado de expressividade, firme, ajusta-se a brevidade do momento. O desenho de humor de Lage é uma análise crítica do homem e da vida, uma análise desmistificadora. Seu humor é uma forma de tirar a roupa da mentira. Na Tribuna da Bahia, Lage conquistou a liberdade de criação no veículo, ele é quem responde pelas tiras e charges diárias. A ele é permitido criar e, veicular, todas as suas idéias sem censuras e castrações. É aí que ele desenvolve sua verve artística crítica, explorando os costumes baianos e satirizando os fatos políticos.



A obra de Lage adentra as relações afetivas, vasculha detalhes das relações de classe escancara os valores do imaginário do autor. Aborda temas de caráter intimista pontilhados de crítica à realidade sócio-política-econômica do país, extrapolada muitas vezes quando o fato que questiona alcança uma repercussão

mundial. Ele é o chargista crítico dos desmandos do poder, exercendo a cidadania tal qual a princípio lhe é conferida como um direito natural e constitucional, no papel de fiscalizador dos atos dos políticos e dos governantes.



O caricaturista e ilustrador Paulo Setubal trafega bem pela caricatura, ilustração, charges e quadrinhos. A significação social de sua obra e a elaboração narrativa trazem propostas extremamente ricas para nossos quadrinhos. O dinamismo de seus planos reveste-se de uma significação estrutural à altura das melhores produções gráfico visuais dos nossos tempos.

Ada Brito (Tico e Mif), Menandro Ramos, Carlos França, Ruy Carvalho, Reinaldo Gonzaga (O Achamento do Brasil), e Douglas Gentil atuantes no jornal A Tarde. Tivemos também o caricaturista Ângelo Roberto, o cartunista J.Mendes, Zé Vieira, Eduardo Barbosa, Ruy Trindade, Parlim (com a saga de Antonio Conselheiro), Robério Cordeiro com a série Pintinha, Paulo Serra e seu ecológico Mero e a saga de Conselheiro, além das atuações dos cartunistas Cau Gomes, Valtério, Rezende, Cão, Gugão, Hector Salles entre outros. Existem nos subterrâneos de nossa cidade muita gente

nova preocupada com soluções formais mais atualizada com a contemporaneidade que nos marca, cultural e ideologicamente. Por outro lado, problemas político ideológico seriam marcantes na medida de atuação cultural desses quadrinhos como objetivos de consumo e como linguagem determinada pelo contexto cultural. Além do fanzine Na Era dos Quadrinhos, Balão e alguns outros, tivemos as revistas Tudo com Farinha (projeto de extensão da Universidade Estadual da Bahia), Abalim, Vilões, Esfera do Humor, Pau de Sebo, e Desagaquê.

Humor gráfico na Bahia (4)

Gutenberg Cruz

A tira de quadrinhos Fala Menino, do ilustrador Luís Augusto, discute o relacionamento do mundo adulto com a infância apresentando a diversidade do universo infantil e contribuindo para que a criança tenha voz atuante na sociedade. É uma das mais premiadas. A tira está sendo publicada no jornal A Tarde, além de vários livros editados e acaba de alçar seu vôo mais alto. Ganhou as telas das TVs dos lares baianos. Trata-se de uma série de 15 capítulos (de 45 segundos cada) que ficou no ar na programação das emissoras da Rede Bahia. Depois os episódios serão reapresentados pela TVE.

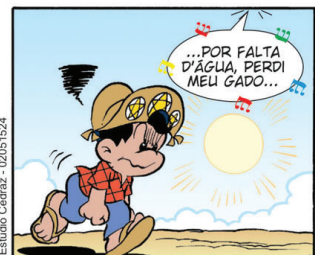
A turma do Fala Menino é formada por 26 amigos. Alguns chamam a atenção pelas características quase nunca presentes em histórias em quadrinhos como Rafael, que é deficiente visual, Bruninho, com síndrome de Down, e Caio, um cadeirante. A maneira de tratar temas tão delicados funciona como um alerta para pais, educadores e adultos de uma maneira geral aprenderem a lidar com assuntos que fazem parte da vida de qualquer criança. As histórias que Lucas nos conta são sobre o relacionamento do

mundo adulto com a infância. Ele nos fala de diferenças físicas ou sociais, de superação de limites, de inclusão, de responsabilidade social com a naturalidade das lições que apenas a infância sabe dar.



Antônio Luiz Ramos Cedraz é um dos mais importantes quadrinhistas da Bahia, principalmente na área do quadrinho infantil, gênero que alcançou o auge das historietas cômicas nas séries Lúbio, Zé Bola, Joinha, Ana, Pipoca e agora Xaxado. Durante muitos anos Cedraz vem publicando seus trabalhos na Bahia, em outros estados e até fora do país. Ele está no mercado há mais de 40 anos, sempre batalhando, lutando para abrir espaço para os quadrinhos nacionais, mas com muita humildade. Nunca desistiu da luta, mesmo que batalhasse com dificuldades e enfrentando o todo poderoso syndicate norte americano.

XAXADO / Antonio Cedraz

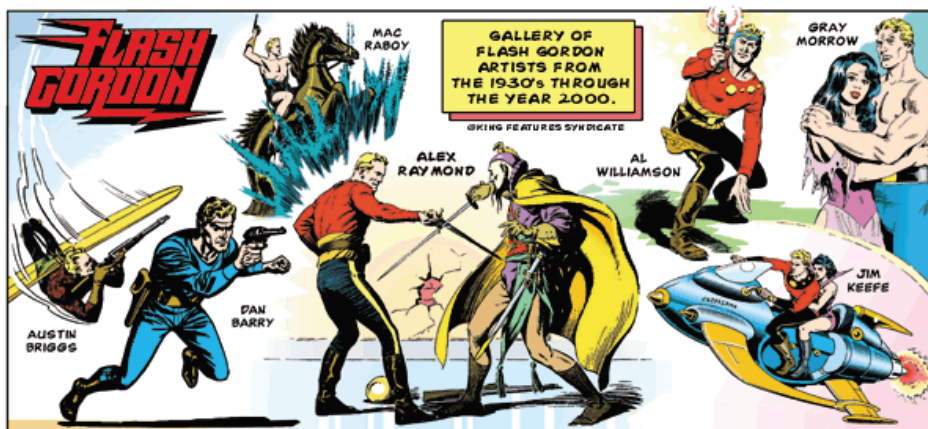


Da simplicidade do traço à criatividade da narrativa, Xaxado retrata a vida rural com todas as suas lendas e mistérios. São aventuras de um garoto, neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião, às voltas com problemas do dia a dia, junto com seus pais e amigos. A Turma do Xaxado reúne personagens tipicamente brasileiros e já recebeu diversos prêmios. Todo o trabalho tem um bom acabamento visual das personagens, com precisão no traço e originalidade temática. Através de um enredo fluente, falando de um cotidiano em que se misturam o real e o simbólico, o objetivo e o subjetivo, o autor constrói uma atmosfera da qual é difícil ficar alheio. Através de Xaxado penetramos no universo gráfico de Cedraz, o imaginário infantil cria asas e viaja na mente de todos nós.

Flávio Luiz faz charge e ilustrações no Correio da Bahia, publicou a revista Jayne Mastodonte (uma aventureira musculosa), já publicou tiras (Rota 66, sobre um cacto e uma caveira de bisão em algum lugar da estrada mais americana, e Job um lutador, um cão dálmata, atrapalhado com seus próprios limites, que ele busca a todo custo vencer, se envolvendo nas mais variadas modalidades esportivas), tem uma revista Au da Bahia, o capoeirista. O rapaz é um dos mais premiados cartunistas da Bahia, tendo no currículo prêmios em diversos salões no Brasil e exterior.

O ilustrador Wilton Bernardo tem um trabalho voltado para o quadrinho infantil, além do site oficinahq voltado para os interessados no desenho de humor. Por pressão do mercado, alguns profissionais têm que pagar pela falta de opções e pela imposição da dura realidade, onde a sobrevivência fala mais alto do que a ideologia da liberdade total de criação.





O desenhista de Flash Gordon, Jim das Selvas e o Agente Secreto X-9, Alex Raymond afirmou certa vez: “Cheguei, honestamente, à conclusão de que a História em Quadrinhos, em si, é uma forma de arte. Reflete a vida e o tempo com mais precisão e é mais artística do que a ilustração de revista, pois é inteiramente criativa. Um ilustrador trabalha com máquina fotográfica e modelos; um desenhista de histórias-em-quadrinhos começa com uma folha em branco e ‘sonha’ inteiramente a obra – ele, ao mesmo tempo, é roteirista de cinema, diretor, montador e ator”. Nos quadrinhos temos a literatura (a narrativa), a imagem (o desenho), o som (através da onomatopéia), os diálogos (através dos balões) e todas as nuances do desenvolvimento das sequências de imagens, as cores, o formato e os tipos de letras dos diálogos. Quando esses elementos se combinam em uma obra, a química é perfeita: não há como ficar imune ao artista. Ele nos domina, manipula nossas emoções e, de quebra, nos faz refletir. Nessa folha de papel em branco o artista pode recriar um mundo e assim começa a nossa viagem pelos quadrinhos.

